



Evento	Salão UFRGS 2020: SIC - XXXII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2020
Local	Virtual
Título	CONHECIMENTOS E PRÁTICAS DOS CIRURGIÕES-DENTISTAS DE PORTO ALEGRE SOBRE APNEIA OBSTRUTIVA DO SONO
Autor	LETÍCIA GABRIELA BAUER
Orientador	VANIA REGINA CAMARGO FONTANELLA

CONHECIMENTOS E PRÁTICAS DOS CIRURGIÕES-DENTISTAS DE PORTO ALEGRE SOBRE APNEIA OBSTRUTIVA DO SONO

A Apneia Obstrutiva do Sono (AOS) é o distúrbio do sono mais comum na população, e, apesar de crescente, é subdiagnosticado. Neste contexto, os cirurgiões-dentistas podem desempenhar importante papel no seu diagnóstico e tratamento. O objetivo do estudo foi verificar os conhecimentos e práticas dos cirurgiões-dentistas de Porto Alegre sobre a AOS, investigando se variáveis demográficas, tempo de atuação profissional, tipo de atuação e especialidade estão associadas ao conhecimento e às práticas adotadas no diagnóstico desta condição. O estudo caracteriza-se como observacional transversal e analítico, por meio de questionário anônimo *online* e o cálculo amostral previu a participação de 357 profissionais. Os participantes foram recrutados e os dados foram analisados por meio de estatísticas descritivas. As associações entre variáveis demográficas e as relacionadas ao conhecimento sobre a AOS foram analisadas por meio dos testes não-paramétrico de Mann-Whitney, Kruskal-Wallis e Análise de Correlação de Pearson. O questionário foi respondido por 217 dentistas com idade média de 37,92 anos, tempo de atuação médio de 13,92 anos, sendo 71,1% atuantes em clínica privada e 63,8% possuíam especialização registrada. O conhecimento médio dos entrevistados sobre fatores de risco, sinais, sintomas e tratamentos para a AOS foi bom e os fatores de risco mais conhecidos são obesidade e tamanho das adenoides. Os sinais e sintomas mais conhecidos foram cessação de respiração, despertares noturnos, ronco e sonolência diurna. Os tratamentos conservadores são mais conhecidos que os cirúrgicos. Quanto às práticas, 22% dos profissionais nunca identificaram fatores de risco para AOS em seus pacientes e os orientaram a buscar atendimento médico, sendo que 36% eventualmente o fizeram e 60% o fazem eventualmente ou frequentemente. Profissionais com maior tempo de atuação e registrados como especialistas demonstraram maior conhecimento das doenças associadas e relatam maior atenção a aspectos relacionados a AOS na sua prática profissional.